

O olhar de Borges

Uma biografia sentimental

SOLANGE FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ

O olhar de Borges

Uma biografia sentimental

Tradução: Cristina Antunes

autêntica

PROJETO GRÁFICO DA CAPA

Diogo Droschi

(Sobre imagem de Sophie Bassouls/Syma/CORBIS)

TRADUÇÃO

Cristina Antunes

EDITORACÃO ELETRÔNICA

Luiz Flávio Pedrosa

Waldênia Alvarenga Santos Ataíde

REVISÃO

Ana Carolina Lins Brandão

EDITORA RESPONSÁVEL

Rejane Dias

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida,
seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia
xerográfica sem a autorização prévia da Editora.

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários

30140-071 . Belo Horizonte . MG

Tel: (55 31) 3222 68 19

TELEVENDAS: 0800 283 13 22

www.autenticaeditora.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ordóñez, Solange Fernández

O olhar de Borges : uma biografia sentimental / Solange Fernández
Ordóñez ; tradução Cristina Antunes. – Belo Horizonte : Autêntica Editora,
2009.

Título original: La mirada de Borges

ISBN: 978-85-7526-374-7

1. Borges, Jorge Luis, 1899-1986 2. Escritores argentinos - Biografia I.
Título

09-00041

CDD-ar868.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Argentina : Século 20 : Escritores : Ensaios
autobiográficos ar868.4
2. Escritores argentinos : Século 20 : Ensaios
autobiográficos ar868.4

O nome é como um vestido que não nos pertence. Ficamos nus debaixo do nosso nome, ainda mais nus do que a criança que o pai levantou do solo, para dar-lhe o nome. E quanto mais enchemos de ser ao nome, mais estranho ele se torna, mais independente de nós, mais desamparados ficamos nós mesmos. Emprestado é o nome que usamos, emprestado o pão que comemos, emprestados somos nós, desnudos, mantidos dentro de um mundo estranho, e somente quem se despojar de qualquer ouropel emprestado há de avistar a meta, será chamado à meta, para que se reúna definitivamente com seu nome.

Hermann Broch

Para mi nieto Cristóbal en cuya mirada
se refleja la humanidad entera.

Introdução	11
O tabuleiro de xadrez (A relação com o pai e a biblioteca da infância)	21
A cidade mitológica (Acerca da cidade de Buenos Aires e sua fundição com outras cidades)	41
A diluição dos espelhos (A maneira como cada símbolo pertence a uma complexa rede)	67
O ateliê do escritor (Onde e como transcorreu a escritura de Borges)	87
O destino e a trama (Sua pessoa indissociavelmente ligada à sua letra)	113
A linha de sangue (Em seu duplo sentido: a herança materna e a violência na obra)	141

Um mundo dentro do mundo (O mundo imaginário de Borges e seus diferentes cursos)	167
As margens da criação (O outro Borges: revistas, periódicos, prólogos, entrevistas)	189
O final e o princípio (Revisão de sua vida e seu significado para os argentinos)	215
Epílogo	243
Livros consultados	245

Introdução

São muitas as circunstâncias que convergem para o nascimento de um livro. Eu mesma, quando iniciei este trabalho? Quiçá – me respondo – começara naquelas manhãs em que meu pai me levava à escola e enquanto eu brincava de mãos dadas com ele, ouvia-o recitar: “Pensando bem na coisa, suponhamos que o rio fosse então azulado ...”¹; eu levantava os olhos para vê-lo e ele sorria e fazia um gesto com a cabeça virando-a para o lado como que dizendo: Que bom! Mas que bom!

Só depois, muito depois, me perguntei por que esses versos tanto atraíam meu pai. Agora, por fim, parece que entendo. Creio que a expressão crioula “pensando bem na coisa” lhe causava um inconfundível prazer, como se nesse gesto Borges a tivesse elevado à categoria do poético e, desse modo, houvesse referendado o uso de modismos habituais na fala de todos os dias. Não era apenas isso: as conversações dos pátios recônditos da infância reapareciam assim trasladadas a um novo plano, renascendo em novas entonações, dessa

¹ Nota de tradução: Diante da opção da autora por não mencionar, no corpo deste livro, as referências bibliográficas das citações extraídas de obras de Jorge Luis Borges, decidimos usar nossa própria tradução, com base na edição original de *La mirada de Borges*.

vez elevadas de categoria. Em seu entusiasmo perante as linhas de Borges, creio notar também certo orgulho por essa proeminência do dito ancestral e, ao mesmo tempo, a expressão familiar; como se ele mesmo dissesse: pensando bem na coisa, não está má essa maneira de falar dos argentinos!

Na tentativa de alcançar neste livro o Borges íntimo, vieram em nosso auxílio diversos elementos: um conjunto de cadernos manuscritos utilizados pelo escritor ao longo de 20 anos como cadernos de notas; em segundo plano, a palavra gravada de sua mãe, Leonor Acevedo de Borges, reproduzindo os relatos que fazia a seus filhos sobre as atrocidades cometidas na época de Rosas; também a seleção que o próprio Borges fez, em diferentes momentos, dos acontecimentos de importância na sua infância, publicada posteriormente em forma de notas autobiográficas. Do mesmo modo, sua obra completa, ampliada postumamente com o valioso acréscimo de diversas publicações provenientes de revistas e suplementos, artigos que permaneciam dispersos até pouco tempo.

De outro lado, recorri à minha memória e, neste momento de elaborações, reapareceram (especialmente através de sonhos) instantes ou segmentos de encontros com Borges, que agora, ao serem recobrados na consciência, adquirem a qualidade da peça preciosa, única e irreproduzível.

Os cadernos onde Borges foi anotando ideias, transcrevendo textos que por um motivo ou outro lhe interessaram, preparando as aulas que daria depois na Associação Argentina de Cultura Inglesa e no Colégio Livre de Estudos Superiores ou construindo as promemórias para muitas de suas conferências, abrangem um extenso período: desde o final dos anos 1920, parte das décadas de 1930 e de 1940, até a perda total da visão, nos anos 1950. As variações de sua caligrafia informam a etapa a que pertence a escritura, e, ao cotejar os temas tratados com as publicações da época ou com as dissertações, podemos nos aproximar com certa precisão do momento de sua gestação, ainda que no tocante a isso nada se possa assegurar com veemência.

Assim, os cadernos constituem um pilar fundamental na elaboração deste livro e são tratados como o autêntico esboço da obra de Borges: ajudaram-me a entender as múltiplas direções e a intensidade do olhar desse escritor que, de forma paradoxal, estava ficando cego.

Os referidos cadernos foram entregues pelo próprio Borges a meu pai, Carlos Fernandez Ordóñez, em atenção à assistência que este lhe proporcionou como amigo e como advogado, durante mais de uma década.

Desde aquele generoso presente, já transcorreram 35 anos. Meu pai morreu três meses depois de Borges, e os cadernos tiveram de ser repartidos entre os herdeiros. Foram vendidos naquele momento, embora algumas condições tenham sido estabelecidas como indiscutíveis para sua aquisição: os manuscritos deviam permanecer na Argentina e era necessário garantir sua boa conservação e o acesso para o estudioso que desejasse trabalhar com eles. Essas normas foram cumpridas na totalidade, e os escritos de Borges permanecem na Fundação San Telmo, entidade de grande e firme prestígio no país. Seus testamenteiros são conscientes de manter um tesouro, patrimônio da humanidade.

Creio que fui respeitosa com os manuscritos que Borges e a mãe presentearam a meu pai nos anos 1970. Somente agora, com a missão de ilustrar este livro, vêm à luz alguns de seus conteúdos; não em forma textual, porque a lei o proíbe, mas sim mediados por meu estudo, minha admiração e meu afeto.

Os cadernos de notas do escritor estavam ao lado de meu pai na casa onde morreu; a poucos centímetros de onde esperava a morte, refulgiam da obscuridade de seu recolhimento as palavras do poeta, do amigo, daquele a quem ele sempre havia mencionado como “nosso Shakespeare”.

Outra obra constitutiva deste trabalho é a fita em que gravei a mãe de Borges no final dos anos 1960, em uma deliciosa tarde de visita. Enquanto preparava o velho gravador de rolo, compartilhava

com ela a hora do vinho do porto e os pequenos *biscuits*. De vez em quando, durante a sessão, a senhora idosa pedia que eu desligasse o aparelho, “pois algumas coisas não devem ser conhecidas”: referia-se à relação de Manuelita Rosas e seu pai (haviam vivido há mais de 100 anos). Esse dado agregou especial ternura à entrevista. Quando terminamos, Borges chegou em casa e ela se levantou, beijou-o e perguntou “Como tem passado, Georgie?”

Toda arte responde à necessidade de julgar, inata no ser humano. O jogo é a porta indicada para driblar a reclusão do presente genuíno e da realidade, a sempre atroz realidade. O exercício da arte implica afastar-se da morte cotidiana para transcender, sobrevoando os limites impostos pelo tempo demarcado e pelos repetidos fatos da vida cotidiana.

Talvez seja essa a razão pela qual os escritos que hoje entrego não têm um caráter acadêmico. Esse critério supõe uma postura pessoal; de certa forma, não acredito nas academias: minha opinião é que dissuadiram muitos leitores de Borges, deixando-os com o sabor de lê-lo preso na ponta da língua.

Em minha tarefa, evitei algo a que sempre me opus nos ensaios sobre sua obra: a interpretação, tanto psicanalítica quanto sociológica. Abandonei minha profissão de psicóloga quando comecei a sentir como uma violência a minha intromissão na vida dos outros. No que diz respeito ao aspecto social, em minha aventura borgiana limitei-me a situar e assinalar alguns marcos de sua vida que têm relação visível com a obra.

A partir de 1992, quando presenciei, na qualidade de convidada do Centro Pompidou de Paris, os preparativos da mostra *L'Univers de Borges*, comecei a idealizar esta *biografia literária* e decidi, em especial, que este projeto se assentasse sobre outro de maior relevância: estabelecer uma ponte entre o “leitor comum” e Borges.

Bendito leitor comum!, é o indicado para um contato espontâneo, sem preconceitos que estorvem a leitura, sem coerções

de espécie alguma, sem outra aspiração que a de iniciar uma nova amizade com o autor, sem mais desejo que esse contato gozoso com o livro para ampliar o pensamento, a imaginação. Feliz leitor anônimo!: ninguém lhe fará um exame, a ninguém terá que prestar contas. Só estarão ele e seu livro no silêncio da noite, quando se encontrem sob o círculo fechado formado pela luz da luminária e, quase em segredo, dir-se-ão um ao outro as coisas que tenham para dizer, como fariam dois namorados na almejada penumbra do salão.

A travessia até Borges supõe o conhecimento de algumas chaves e de certas regras de jogo que nem sempre estão expostas e em geral configuram acordos tácitos que o escritor propõe ao leitor. O que em essência aspira compartilhar conosco, Borges expressa de um modo lúdico, e sua literatura íntegra se manifesta em jogos de excelentes tramas e finíssimas elaborações, possivelmente tomados em parte do *modus operandi* do conto policial, de que tanto gostava.

Sua extraordinária ourivesaria não surge do nada e nada do que ocorre com ele e com suas criações resulta casual, ainda que ele jogue para que seja assim. Grande parte do meu trabalho consistiu em averiguar, por meio do material de que disponho de forma privilegiada, quais foram as fontes que enriqueceram sua escritura.

Parece-me aconselhável não encarar a leitura de Borges de um modo linear ou unidirecional. O interessante é ir descobrindo, ao avançar em um argumento qualquer, as outras leituras que se vão abrindo nos textos, leituras que correspondem a diversas capas ou pregas de sua escritura, já que Borges vai construindo na obra algo comparável a essas *matrioshkas* russas, onde uma figura contém e esconde outra que, por sua vez, contém e esconde outra, e assim por diante. Tentei assinalar os recursos utilizados por ele para conseguir esses prodígios.

O título do livro, *O olhar de Borges*, surgiu quando este já estava perto de seu término (a propósito, não digo “terminado” porque, se assim fosse, já seria um livro morto antes de nascer).

Considero, de acordo com as palavras de Borges, que um livro há de ser sempre um livro aberto para ser completado por múltiplas e diferentes leituras. O título alude à pergunta inicial do artista; o porquê de seus interesses, os diferentes lugares e tempos que agregaram caudal a sua obra; quais foram, em suma, as águas eleitas por ele para impregnar sua memória.

Só mais adiante, perto do final do livro, se vislumbra a convergência das duas vertentes ou legados de ambos os progenitores e, para dizê-lo com clareza, se observa como, da fusão das entonações crioulas da mãe com a reflexão metafísica do pai, surge a voz literária de Borges, cujo achado consiste, em parte, em expressar as vozes argentinas, elevando-as a um plano universal.

Esse motivo – a façanha de recriar a nossa língua – é suficiente para terminar com a discussão, que jamais deveria ter começado, acerca do compromisso ou a deserção com relação ao momento social que lhe cabia viver. As palavras de Gide assomam, iluminando-nos: “As grandes obras não nos instruem senão submergindo-nos em uma espécie de embotamento quase amoroso”. Para produzir em nós esse embotamento, para nos dar essa felicidade, Borges se submergiu até desaparecer no universo da palavra, transformando-se ele próprio, como se verá neste livro, na experiência viva da literatura, senão na própria literatura. A literatura e, por extensão, sua obra compõem e configuram sua pátria natural.

Comecei a escrever este prólogo em um amanhecer de Madri. Os últimos meses e suas circunstâncias me levaram daqui para lá. Em um primeiro instante, ou em sucessivos instantes, temi pelo meu livro, mas tudo – é um tudo absoluto –, o doloroso e o feliz, o aparentemente contrário a meus propósitos e sem dúvida alguma o favorável ao meu empreendimento, tudo foi vantajoso para minha tarefa criativa, talvez porque me sustentava o ardente desejo de trabalhar e a mágica convicção do apoio e da aprovação de Borges.

Teria desejado escrever este livro usando essa forma de verbo que oferece a ilusão da letra inclinada, ou dos sinais refletidos nas

imprecisões do espelho: tudo isso teria resultado na ambiguidade que Borges apregoava para a literatura. Sim, teria gostado muito de começar com um *Saía Borges de sua casa certo dia...*; ou, como no início de “Uma rosa amarela”, com a sedutora vagueza de *Nem naquela tarde nem na outra...*

Desse modo, o texto conteria um encanto particular, mas é preciso renunciar a essas declinações para me referir a Borges no tempo presente, como se os fatos narrados ainda ocorressem hoje; em parte, porque sinto saudade da presença de Borges; em parte, porque estou convencida de que tudo aquilo que lhe aconteceu continua nos acontecendo ou ainda está a ponto de acontecer para todos nós. Há uma terceira razão: Borges expressou, com elaborada certeza, que a existência de cada um de nós consiste em constante fluir dos tempos presentes, e em cada um desses presentes se aloja nosso passado e está prefigurado nosso futuro.

Foi durante minhas últimas viagens, já em Paris e caminhando pela margem do Sena numa tarde agradável, que imaginei este livro como o desenho de um labirinto de nove casas, com seu eixo no centro. Por essa razão, distribuí estas páginas em nove mosaicos que são autônomos, mas, ao se integrarem, constituem – assim espero – uma visão global de Borges. Imaginei-o desse modo para que cada leitor possa ir montando seu próprio livro, do mesmo modo que, quando conhecemos alguém, nos inteiramos de sua vida de forma confusa e desordenada e não lhe pedimos sua ficha autobiográfica.

Como o tecelão de um imenso tapete universal, Borges encadeia em seu tecido literário príncipes, hereges, temas estranhos, o Oriente, feitos históricos verdadeiros ou não, ficções atribuídas a misteriosas fontes, fatos que vão da aventura ao fantástico, convertendo-se ele próprio no que Deus atribui a Shakespeare: ser tudo e não ser nada ao mesmo tempo. Em sua trama literária está não somente o universo, mas a totalidade dos universos possíveis, o todo dos todos imagináveis pela mente humana.

Tratei de evitar, dentro do possível, a exposição de dados, fatos, anedotas de sua vida, pois tem havido um uso excessivo deles nos últimos tempos. O anedotário em torno de sua figura é quase incalculável ou assim parece, como tudo que é pertinente a ele, e até foram publicadas duas ou três miscelâneas que ilustram variados aspectos do caráter borgiano e revelam aqueles traços que fizeram de Borges o delicioso interlocutor que chegou a ser, uma vez dominada a sua extrema timidez: o humor constante traduzido em paródia ou em *boutades*, a humildade verdadeira sem indício de soberba, a liberdade de pensamento além e aquém de qualquer dogmatismo ou nacionalismo e a inteligência, sempre viva como um farol cuja luz nunca cessasse de pulsar.

Uma última lembrança: por volta do começo de 1984, o telefone tocou em casa e reconheci em seguida sua voz com o inconfundível titubeio ao falar. Disse-me: “Quem fala é Jorge Luis Borges, não sei se se lembrará de mim”. Como notei que falava a sério, confirmei uma vez mais a autenticidade de sua modéstia. De maneira misteriosa, este livro contém implícita a resposta a essa pergunta.

Jorge Luis Borges, como sua mãe gostava de chamá-lo em ocasiões especiais, é um escritor que sentiu, desde muito cedo, a inscrição no tempo, sua condição de ser temporal, e intuiu que esse era o eixo em torno do qual gravaria sua obra; conjugou dentro de si a pertinência ao Rio da Prata com sua vocação como cidadão do mundo, nunca renegou seu “argentinismo” e voltou a ele em narrativas e poemas até o final da vida, discorrendo sobre as fábulas crioulas e impregnando-as de aspirações metafísicas; sentiu desde criança uma curiosidade extrema por tudo e combinou-a com os exercícios do conhecimento, em consequência, converteu-se no homem ilustrado que contaminaria com sua erudição tudo quanto inventasse; conheceu a angústia pela identidade, elaborou desde a juventude a possibilidade de ser ele próprio ao mesmo tempo que muitos outros e colocou esse tema em sua literatura; divisou a condição ambígua da realidade e elegeu tratá-la como realidade

fantástica; deu a seus leitores, difundida em sua obra, uma profundidade poética ou teoria acerca do sentido da criação e, como o havia feito um pai com seu filho, expôs os recursos literários que havia idealizado ou descoberto para a escritura; distinguiu de forma certa, durante a vida, o acessório do essencial e se afastou de toda a distração secundária ou acidental; exerceu uma persistente honestidade em suas declarações públicas, não se importando se com elas conquistava favores ou inimizades; deixou de lado qualquer indício de vulgaridade e converteu sua existência em uma dedicação plena e exclusiva à literatura; venerou e amou aos mais velhos, seus antepassados; no entanto, distinguiu-se deles e foi um expoente da época e do seu século, ligando-se desse modo a Joyce, a Kafka e a Proust; chegou a experimentar a fama, possivelmente também a glória, e considerou esse fato como mais uma ironia do destino; manteve o humor no correr dos anos, assim como o exercício da amizade, segundo suas próprias palavras, a paixão dos argentinos; conservou, como todo poeta, um fragmento de inocência e chorou aos 80 anos quando sua irmã Norah releu para ele, em inglês, seu romance preferido de Wells; sentiu ainda o amor na velhice; acaso estranhou no último instante a cidade onde havia nascido e evocou algumas vozes queridas.

Solange Fernández Ordóñez,
outono de 2006